

Brasil de Fato DF

UMA VISÃO POPULAR DO BRASIL E DO MUNDO

BRASÍLIA - DF • ED. ESPECIAL Nº 05 • MAIO 2026 • DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

MPA COMPLETA 30 ANOS COM FESTIVAL CULTURAL E FEIRA CAMPONESA EM BRASÍLIA

O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) completa três décadas organizando a luta por dignidade no campo, soberania alimentar, preservação ambiental e produção de alimentos saudáveis. Esta edição especial do Brasil de Fato DF aborda os avanços nas políticas públicas, a relação campo e cidade e o legado de figuras históricas como Frei Sérgio

- 
- **Frei Sérgio semente**
Homenagens marcam encontro nacional em Brasília | Pg. 2
 - **Conjuntura**
Lideranças do campo e da cidade analisam os desafios atuais | Pg. 4
 - **Soberania alimentar**
Feira evidencia diversidade da produção do campesinato | Pg. 6
 - **Ciranda Mirim**
Espaço pedagógico traduz temas para a linguagem do brincar | Pg. 8

Homenagem a Frei Sérgio marca abertura da feira camponesa do MPA

Foto: Flávia Quirino/BdF-DF



▶ A trajetória de Frei Sérgio Antônio Görgen e o compromisso com a organização da classe trabalhadora e a luta camponesa foram destaques do ato político de homenagem durante o 4º Encontro Nacional do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) realizado em Brasília, no dia 11 de maio. O frade franciscano morreu no dia 3 de fevereiro aos 70 anos.

A homenagem reuniu familiares, militantes históricos, lideranças populares e representantes de movimentos populares para relembrar a trajetória do religioso. Um dos fundadores do MPA, Frei

Sérgio dedicou a vida à agroecologia, à reforma agrária, à soberania alimentar e à defesa da dignidade no campo.

O compromisso com os mais pobres e sua capacidade de manter viva a esperança mesmo diante das dificuldades também foram lembrados durante a homenagem. “Frei Sérgio foi incansável, e alguém teria dito que ele morreu de tanto viver. Viveu tanto, doando a sua própria vida dia e noite. Dá para dizer que ele acabou tendo uma morte em paz”, destacou o Frei Wilson Zanatta.

Emocionada, a irmã caçula do líder religioso, Eli-

zete Martins, compartilhou lembranças da convivência familiar e destacou o compromisso do frei no combate à fome e às desigualdades sociais. “Ele dizia: ‘Eu não aguento mais enterrar criança que morreu de fome. Tenho que lutar para que isso não aconteça mais’”, lembrou.

Durante os depoimentos, participantes ressaltaram a coerência política e o modo simples de vida do religioso, associado à tradição franciscana e à Teologia da Libertação. “Continuem plantando essa semente que ele deixou para todos nós. Nunca será em vão”, destacou Elizete.

Frei Sérgio, semente das lutas sociais

Foto: Guilherme Santos/Sul21.



JOÃO PEDRO STEDILE
ECONOMISTA E
DIRIGENTE NACIONAL
DO MST

Ele era um homem de coragem, que não tinha medo de enfrentar os poderosos, as injustiças. Talvez tenha sido na história do Brasil o personagem da luta social que mais defendeu e utilizou a greve de fome como uma arma contra os poderosos. Quantos de nós têm coragem de arriscar a própria vida? E sempre por razões nobres.

Foto: Emerson Dias/NCM



GILBERTO CARVALHO
SECRETÁRIO NACIONAL
DE ECONOMIA POPULAR
E SOLIDÁRIA

A história do povo de Deus está marcada por profetas que nos iluminaram. Eu não tenho dúvida nenhuma de que o Frei Sérgio é um desses grandes profetas, e a história vai fazer justiça e mostrar isso. O Frei Sérgio era, acima de tudo, paixão, luta e coerência.

Organização popular

▶ Entre os depoimentos na homenagem também estiveram os amigos de longa data, como Gilberto Carvalho, e companheiros históricos como Sérgio Osmar Conti e João Pedro Stedile. O dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) destacou o exemplo de militante dedicado aos estudos e ao conhecimento científico para interpretar a realidade.

Stedile reforçou também o papel do frei na criação de diversos movimentos populares do país, como o MST, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), além do próprio MPA, em 1995. E que o franciscano foi o primeiro a lutar contra os transgênicos no Brasil, denunciando os impactos

ambientais e sociais do agro-negócio.

“Frei Sérgio zelava pela organização do povo e tinha claro que só o povo organizado pode conquistar mudanças sociais”, destacou.

Escritor, educador popular e comunicador, Frei Sérgio deixou uma vasta produção intelectual e militante, com livros, cartilhas e textos voltados à formação política e à organização popular.

Ao final da homenagem, foi exibido um áudio inédito gravado por Frei Sérgio como parte de uma mensagem que preparava para os 30 anos do MPA. Em tom sereno e esperançoso, ele refletia sobre a utopia a partir das inspirações de Fernando Birri e Eduardo Galeano.

“

Sempre vai ter alguém que vai olhar para o que fazemos e dizer que isso é pequeno, que não faz diferença; mas eu digo que faz, faz sim, faz muita diferença. É o nosso jeito de olhar a utopia lá longe no horizonte, damos um passo de cada vez em direção a ela. E ela se afasta um passo de cada vez, para longe de nós, sempre mantendo a distância. Para que serve a utopia então, se aparentemente nunca vamos conseguir alcançá-la? Serve exatamente para isso, para nos fazer caminhar.

FREI SÉRGIO ANTÔNIO GÖRGEN



Linha do tempo do MPA

• anos 90

CONTEXTO

NEOLIBERALISMO, ABANDONO DO CAMPO E CRISE DE REPRESENTAÇÃO. CAMPONESES SE ORGANIZAM PARA LUTAR POR DIREITOS E POLÍTICAS PÚBLICAS

• 1995-1996

NASCIMENTO DO MPA

PLENÁRIA EM SÃO PAULO REÚNE LIDERANÇAS DE STRS, CPT E MST. O MPA NASCE NA LUTA CONTRA A SECA E PELO DIREITO DE PRODUIR

• 1998

1ª PAUTA NACIONAL

CRÉDITO SUBSIDIADO, SEGURO RURAL, SAÚDE, PREVIDÊNCIA E MORADIA. PROPOSTA DE CRÉDITO MORADIA RURAL

• 2001-2002

ACAMPAMENTOS E CONQUISTAS

1º ACAMPAMENTO EM BRASÍLIA (45 DIAS), RENEGOCIAÇÃO DAS DÍVIDAS E CRIAÇÃO DO SEGURO SAFRA

• 2003-2005

ACAMPAMENTOS E CONQUISTAS

ENCONTROS NACIONAIS FORTALECEM O MPA, CRIAÇÃO DA COORDENAÇÃO NACIONAL E FORMULAÇÃO DO PLANO CAMPONÊS

• 2006-2010

EXPANSÃO E POLÍTICAS

EDUCAÇÃO CAMPONESA, MORADIA, PAA, MERENDA ESCOLAR, AGROECOLOGIA E CAMPANHA CONTRA OS AGROTÓXICOS

• 2011-2015

ARTICULAÇÃO E CONGRESSO

RELAÇÕES INTERNACIONAIS, FEMINISMO E JUVENTUDES. 1º CONGRESSO NACIONAL DO MPA (2015), COM MAIS DE 3 MIL PARTICIPANTES

• 2016-2020

RESISTÊNCIA E FORMAÇÃO

LUTAS CONTRA O GOLPE, MUTIRÃO DE ESPERANÇA CAMPONESA, ESCOLA DE FORMAÇÃO E ENFRENTAMENTO À PANDEMIA

• 2022-2023

MISSÃO E RETOMADA

MISSÃO JOSUÉ DE CASTRO, PLANO DE ABASTECIMENTO POPULAR E RETORNO DA SECRETARIA NACIONAL PARA BRASÍLIA

• 2024-2026

AVANÇOS E LEGADO

4º ENCONTRO NACIONAL DAS MULHERES CAMPONESES, RECONHECIMENTO DO CAMPESINATO COMO SUJEITO DE DIREITOS E PARTIDA DE FREI SÉRGIO ANTÔNIO GÖRGEN

ENTREVISTA



MPA recolocou o campesinato como sujeito político no Brasil



Foto: Comunicação MPA

Nesta entrevista para o coletivo de comunicação do MPA em dezembro de 2025, Frei Sérgio Görden relembra o contexto de surgimento das primeiras mobilizações de pequenos agricultores, explica as bases do Planos Camponês e reflete sobre a relação entre campo e cidade

Como era a situação do campo brasileiro em 1995, período em que nasce o MPA?

Frei Sérgio: 1995 foi um ano muito duro. Uma seca muito forte, já dando sinais dessas mudanças climáticas que muita gente ainda nem acreditava. Pouquíssima gente estudava isso naquele período. E, ao mesmo tempo, nós tínhamos um governo neoliberal, o governo Fernando Henrique, que não acreditava na agricultura camponesa. O projeto deles era consolidar o agronegócio nas grandes propriedades e empurrar o povo para fora do campo. Só que também não tinha emprego na cidade. Foi nesse ambiente que começou a nascer uma indignação coletiva e um processo de organização.

Que tipo de organização já existia naquele momento?

Já existiam alguns sindicatos de trabalhadores rurais mais combativos e um trabalho muito importante da Comissão Pastoral da Terra junto aos pequenos

agricultores. E havia também aquela percepção muito concreta de que o MST se organizava, ocupava terra e conquistava vitórias. Os assentados tinham crédito subsidiado, tinham políticas públicas. Já os pequenos agricultores que possuíam um pedacinho de terra não tinham nada.

O que é o Plano Camponês?

É uma proposta estratégica construída a partir do campesinato. Nós fomos resgatando o conceito daquela família que produz sua subsistência, incorpora tecnologia e ciência, produz de forma diversificada e em harmonia com o meio ambiente, com o bioma e com as condições naturais do território. É um modelo que combina o que existe de mais avançado na ciência com a sabedoria popular. Isso é agroecologia. Nós entendemos que o Plano Camponês precisa integrar alimento, meio ambiente e energia. Por isso criamos essa ideia da “alimergia”. Não basta produzir comida. É preciso produzir preservando a natureza e cons-

truindo autossuficiência energética nos territórios camponeses.

Qual é a importância da relação entre campo e cidade dentro do Plano Camponês?

O alimento é o elo entre campo e cidade. É através dele que se constrói a aliança operário-camponesa. A comida saudável não pode ser privilégio dos ricos. Ela precisa chegar às classes trabalhadoras urbanas. O campesinato e os trabalhadores urbanos fazem parte da mesma classe trabalhadora. O capitalismo tenta separar essas classes, mas nós precisamos reconstruir essa unidade.

O Plano Camponês fala das “seis soberanias camponesas”. O que são elas?

A 1ª é a **alimentar**: garantir alimento saudável, suficiente e de qualidade para o povo. A 2ª é a **genética**: controle popular das sementes, mudas, plantas medicinais e microrganismos. Por isso a Embrapa e a pesquisa pública são

tão importantes. A 3ª é a **energética**: produzir energia nas próprias comunidades, especialmente através da energia solar. Daí a proposta do “Sol para Todos”. A 4ª é a **hídrica**: garantir água para consumo humano, produção e irrigação sob controle popular, porque água não pode ser mercadoria. A 5ª é a **do saber**: unir ciência e sabedoria popular, valorizando os conhecimentos históricos dos agricultores. E a 6ª é a **territorial**: garantir que a terra e os territórios estejam sob controle popular e camponês, e não subordinados ao agronegócio, ao latifúndio e às multinacionais.

Qual o principal legado do MPA?

Foi recolocar o campesinato como sujeito político estratégico no Brasil. Mostramos que o campesinato não é atraso. Pelo contrário: é fundamental para a soberania alimentar, preservação ambiental, produção de alimentos saudáveis e construção de um projeto popular de país.

Em Brasília, camponeses reforçam luta por soberania alimentar

Foto: Comunicação MPA



► O 4º Encontro Nacional do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), de 11 a 14 de maio, reuniu cerca de 1.200 camponeses e camponesas de 20 estados brasileiros para marcar os 30 anos de trajetória do movimento. O evento no Centro Comunitário Athos Bulcão, da Universidade de Brasília (UnB), debateu estratégias para enfrentar a fome, a crise climática e o avanço do agronegócio sobre os territórios camponeses.

Isabel Ramalho, primeira mulher a integrar a coordenação nacional do MPA, destacou que a soberania ali-

mentar exige mudanças profundas nas estruturas econômicas e políticas do país.

“Estamos aqui para construir o processo da soberania alimentar e do abastecimento popular nesse país. Isso significa mexer nas estruturas organizativas do nosso país, principalmente no que diz respeito ao campo, e construir um novo modelo em que a essência sejam as pessoas que trabalham.

Durante o encontro, o movimento reafirmou a im-

portância da Missão Josué de Castro, um plano de ação elaborado em 2024 voltado ao fortalecimento do abastecimento popular. A proposta busca ampliar a articulação entre campo e cidade para estruturar redes de produção, logística e comercialização de alimentos saudáveis.

A iniciativa pretende enfrentar a fome e as desigualdades sociais a partir da agricultura camponesa, fortalecendo cooperativas, sistemas agroecológicos e formas coletivas de produção.

Representando a Via Campesina, Tatiane Paulino, da coordenação nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), afirmou que o atual cenário político exige fortalecimento das organizações populares e maior unidade entre os movimentos do campo, das águas e das florestas.

“O nosso dever enquanto organizações sociais é nos fortalecer e construir soberania dos povos, a emancipação e um projeto popular capaz de enfrentar as desigualdades.

Além dos debates, o encontro nacional contou com a Feira Camponesa, composta por cerca de 50 barracas com sementes crioulas, alimentos agroecológicos e produtos beneficiados por cooperativas ligadas ao movimento.

CONJUNTURA

A crise estrutural do capitalismo é atravessada por diferentes dimensões — energética, ambiental, sanitária, geopolíti-

ca e civilizatória —, que impactam diretamente os territórios populares, exigindo como resposta a construção de soberanias em cada área.

A análise foi apresentada por movimentos populares no debate O Mundo em Disputa: Desafios e Caminhos da Classe Trabalhadora. Para o dirigente nacional do MPA, Anderson Amaro, somente a agricultura camponesa e a agroecologia são alternativas concretas diante do modelo de exploração do agronegócio.

“A única alternativa frente a isso é a agricultura camponesa e a agroecologia. Contra o sistema alimentar dominante exportador, nós propomos sistemas resilientes.

Amaro também alertou que o impacto da chamada “crise civilizatória” nos territórios populares é marcado pelo aumento da violência, do adoecimento mental e da desinformação digital.

Produção de alimento saudável para o povo brasileiro é a palavra de ordem desde o início, diz dirigente do MPA



O dirigente nacional do Movimento dos Pequenos Agricultores, Leomarcio Araújo afirmou que um dos desafios colocados para o próximo período é ampliar as políticas que “dialogam com o meio ambiente e o campesinato na sua diversidade, considerando toda a riqueza que o Brasil reúne, sobretudo no campo da agroecologia, que é garantir e produzir alimentos saudáveis para abastecer o povo brasileiro”.

No marco de 30 anos do movimento, ele considera a população camponesa guardiã da natureza. Segundo o dirigente, é também conhecendo e fortalecendo a construção de políticas públicas que se constrói a soberania alimentar.

“A produção de alimento saudável para alimentar o povo brasileiro é a palavra de ordem principal desde o início do MPA. Ao longo dessa cami-

nhada, a partir do que a gente propõe, o plano camponês tem na centralidade a soberania alimentar”, afirma.

Para alimentar os participantes do Festival Cultural e Feira Camponesa em Brasília, o MPA reuniu uma produção que soma mais de 30 toneladas de alimentos. São cerca de 90 variedades de produtos, vindas de mais de 80 famílias camponesas, que

demonstram a diversidade da agricultura familiar.

“A soberania alimentar não é só garantir que as pessoas se alimentem, mas também a liberdade de se alimentar com aquilo que a gente quer, prezando pela saúde, mas também as dimensões sociais, econômicas, culturais em torno do alimento.

Ministra anuncia políticas públicas para agricultura camponesa em parceria com o MPA

▶ A abertura do festival cultural e feira camponesa organizada pelo Movimento de Pequenos Agricultores (MPA) em Brasília contou com uma mesa de lideranças, dirigentes e representantes de instituições e do governo federal que saudaram o movimento pelos seus 30 anos. Entre as presenças estava a primeira mulher à frente do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) Fernanda Machiaveli.

“O MPA nasceu para organizar os agricultores e agricultoras, os camponeses e camponesas, em torno da pauta da soberania alimen-

tar, trazer os agricultores que estavam em situação de exclusão e trabalhar para ampliar o acesso a políticas públicas, fazer organização popular, garantir o processo de transição agroecológica, superar a fome e a pobreza no nosso país, fazer inclusão produtiva, enfim, garantir que o nosso país alcance a sonhada soberania alimentar”, declarou.

Como exemplo, Machiaveli citou o programa **Da Terra à Mesa**, que seleciona projetos com foco na produção de alimentos saudáveis pela agricultura familiar nos eixos: sistemas agroflorestais, manejo agroeco-

lógico animal, bioinsumos, sementes agroecológicas e formação de agentes de transição agroecológica.

A ministra aproveitou o evento para anunciar uma série de iniciativas. Uma delas é a expansão da parceria de assistência técnica e fomento da agricultura familiar por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) para todos os estados que compõem o MPA, o que inclui mais 2 mil famílias. Também foi anunciada uma parceria do MDA com o movimento para financiar os quintais produtivos das camponesas e viabilizar a produção de alimentos saudáveis.



Foto: Comunicação MPA.

Cozinha popular abastece a luta com 32 toneladas de alimento agroecológico

▶ A soberania alimentar está no centro do debate político do MPA e durante o Festival Cultural e Feira Camponesa existe um lugar onde o vapor das panelas se misturam: a cozinha 'Junior Mota', que recebeu 32 toneladas de alimentos produzidos por famílias camponesas de todas as regiões do país.

A equipe de 57 pessoas que atuam diretamente dentro da cozinha, se divide em tur-

nos que começam na madrugada, como relata Sônia Costa, do Piauí. **“É o espaço onde você tem que colocar todo o seu carinho e respeito para com o alimento e as pessoas. Nossa equipe joga todo o seu amor na produção. Sem alimento, ninguém consegue ficar em pé.”**

Com militantes vindos de todos os cantos do país, a cozinha tem a tarefa não só de oferecer alimento, mas

de diversificar e agradar todos os paladares. A nutricionista Ana Paula explica que o cardápio é pensado para respeitar as culturas regionais e as necessidades de cada um, incluindo opções vegetarianas e veganas. **“A gente pensa nessa alimentação que contempla praticamente todos os gostos. Comida também é acolhida, é carinho.”**

RONICLEITON PAIXÃO
MPA BRASIL

FALA POVO

Qual a importância da luta camponesa?



“É muito importante para a vida de quem é do campo, pois nos ajuda na busca por melhorias. Essa troca de conhecimentos e amizades entre pessoas de diferentes regiões é maravilhosa para a nossa evolução.”

MARIA VENERANDA (PI)



“Este encontro é um momento oportuno para discutirmos a soberania alimentar como um direito. Precisamos valorizar a identidade de quem produz o alimento e debater a lógica do abastecimento para que a comida chegue a todas as famílias.”

ANTÔNIO BARBOSA (PE)



“Unir forças para discutir a soberania alimentar é fundamental. O nosso maior desafio agora é que as lideranças levem essa formação para os grupos de base, colocando em prática nos territórios tudo o que aprendemos aqui.”

LUCINEIDE DAMACENA, MPA (BA)



“O MPA trabalha para conscientizar as pessoas de que é possível viver bem no campo, produzindo o próprio alimento de forma saudável. Nosso papel é preservar a terra e os saberes camponeses contra o avanço dos agrotóxicos.”

AMILTON TAVARES NOGUEIRA (PI)



“Queremos plantar comida sem veneno para vivermos mais, mas o desafio é enfrentar os fazendeiros que jogam agrotóxicos com drones. Cuidar da terra e das abelhas é o que garante o sustento da nossa roça.”

ALEXANDRINA LOPES, SÃO JOSÉ DE BARREIRA (PA)



“No Maranhão, ainda trabalhamos no toco e enfrentamos o esquecimento. O maior desafio é o desmatamento e o uso de veneno por drones, que destrói a pequena produção e mata o meio ambiente.”

FÁTIMA DA CONCEIÇÃO SOUZA (MA)



“A agricultura familiar não tem apoio sem o movimento. Nossos principais problemas hoje são o uso intensivo de agrotóxicos por drones e a falta de água, que já está ficando escassa em várias regiões.”

MICHELLE TAVARES (PR)



“O desafio da agroecologia é continuar resistindo em meio a tanto veneno e à destruição do meio ambiente. A solidariedade é fundamental para recuperar sementes, saberes e superar os desastres ambientais que atingem diferentes regiões do país.”

GENI DE LURDES DA SILVA (RS)



Foto: Comunicação MPA.

Feira evidencia diversidade da produção do campesinato

Com sabores e sementes crioulas, atividade do 4º Encontro Nacional do MPA aproxima campo e cidade

► O cheiro do café recém-passado se mistura ao aroma do tacacá paraense, enquanto sementes crioulas dividem espaço com artesanato popular e ervas medicinais. No Centro Comunitário Athos Bulcão, na Universidade de Brasília (UnB), a Feira Camponesa do 4º Encontro Nacional do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) transformou o campus em um retrato da diversidade dos territórios brasileiros.

A atividade faz parte da programação que celebra os 30 anos do MPA, de 11 a 14 de maio, e reúne cerca de

mil camponeses e camponesas de 20 estados. Mais do que um espaço de comercialização, a feira oferece ao público a oportunidade de conhecer a agricultura camponesa e a agroecologia.

Nas bancadas, a diversidade da produção popular aparece em sementes tradicionais, alimentos minimamente processados, fitoterápicos, óleos essenciais e pratos típicos de diferentes regiões do país. Também estão presentes produtos vindos de comunidades quilombolas, povos indígenas e quintais

produtivos organizados coletivamente.

Para Líria Aquino, da coordenação nacional do MPA no Piauí, a feira sintetiza a relação construída historicamente pelo movimento entre produção de alimentos e organização popular.

“A nossa principal bandeira de luta é a produção de alimentos saudáveis. A a gente só vai conseguir se tiver essa relação entre campo e cidade, é a ponte que liga os camponeses com as pessoas da cidade, essa correlação entre quem produz e quem consome”, afirma.

A preservação das sementes crioulas ocupa lugar central na atividade. Agricultora do Paraná, Maria Aparecida Alves levou para Brasília variedades tradicionais de milho, feijão e abóboras cultivadas em sua propriedade.

“Eu sou guardiã de sementes crioulas e tenho umas 40 variedades que produzo na minha propriedade. A feira mostra a diversidade que o agricultor possui dentro do movimento.**”**

As experiências coletivas de produção e beneficiamento também ganham espaço. O Coletivo Mangará, de São Paulo, apresentou produtos derivados da banana, como caponata de coração de bananeira, doces, cachaças artesanais e peças produzidas com fibras da planta.

“Você consegue fazer a venda dos seus produtos, o que faz você voltar com uma

rendinha de volta para casa. Você consegue ver os frutos do seu trabalho”, relata Simone de Souza, integrante do coletivo e participante pela primeira vez do encontro nacional.

Do Rio Grande do Sul, famílias organizadas em cooperativas de sementes apresentaram experiências de abastecimento popular e comercialização coletiva. Segundo Mele Esquiavão, a feira permite mostrar para a sociedade a capacidade produtiva da agricultura camponesa.

“É a nossa vitrine para mostrar os produtos e os processos que a gente vem fazendo nos nossos territórios, mas também experiências de abastecimento popular e um novo processo de comercialização. É essa vitrine que mostra para a sociedade o que o campesinato tem de melhor: a produção de alimentos saudáveis.**”**



Foto: Flávia Quirino/BdF-DF.



Foto: Comunicação MPA.



Foto: Flávia Quirino/BdF-DF.

Famílias camponesas trazem para a feira o que produzem de melhor, diz fundadora do MPA

Foto: Flávia Quirino/BdF-DF.



► A feira camponesa do 4º Encontro Nacional do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), em Brasília, reúne experiências de soberania alimentar espalhadas em diversas regiões do país em um único lugar.

Para Isabel Ramalho, uma das fundadoras do MPA, essa é a essência do movimento que completa 30 anos de existência. "A feira é um espaço onde a

gente pode juntar essa diversidade produzida pelo nosso campesinado", afirma.

"As nossas famílias procuram trazer aquilo que produzem de melhor na sua comunidade, no seu território. Essa produção que está na nossa feira carrega na sua essência uma carga muito importante de zelo, de cuidado com a terra, com o meio ambiente, com a natureza, com todos os seres que vivem na terra", afirma Ramalho.

Na mesma medida, o esforço em produzir alimentos saudáveis também carrega "uma cota muito grande de sacrifício em função do abandono que o campesinato vive no nosso país", segundo a dirigente.

Mais que isso, as feiras mostram a capacidade de camponeses e camponesas de se reinventarem e criarem suas próprias condições de seguirem existindo e resistindo.

FALA POVO

Solidariedade camponesa



A solidariedade é um princípio político. Acreditamos que a única forma de enfrentar os poderosos é construindo a solidariedade de classe, entendendo que a dor de outro trabalhador, camponês ou urbano, é também a nossa dor.

BETO PALMEIRA, MPA (RJ)



O encontro projeta a nossa estratégia para os próximos dez anos. Não importa se estamos em Sergipe ou no Rio Grande do Sul, o horizonte é o mesmo: dar as mãos para enfrentar o capital e fortalecer o trabalho territorial.

RAFAELA ALVES, DIREÇÃO NACIONAL DO MPA (SE)



A luta e a formação iniciam no território, mas o intercâmbio entre as regiões é necessário para reafirmar a solidariedade entre campo e cidade. O MPA traz a agroecologia como o pilar central para a nossa soberania nacional.

PABLO MONTALVÃO, MAM (BA)



A importância da solidariedade nestes encontros é o sentimento de pertencimento. É saber que você não está sozinho na luta lá no campo e que existem outras pessoas com os mesmos ideais somando forças com você.

MARIA INÊS GOMES, LONDRINA (PR)

Cultura fortalece campesinato em Festival Cultural



Foto: Comunicação MPA.



Foto: Comunicação MPA.



Foto: Flávia Quirino/BdF-DF.

► A cultura camponesa é o palco central do Festival e Feira Camponesa. Com o patrocínio da Petrobras, por meio da Lei Rouanet, a programação emocionou, animou e fortaleceu a identidade de quem vive e luta no campo e integra a programação do encontro que celebra os 30 anos do MPA e a memória de Frei Sérgio Görden.

Mais de 15 atrações, entre música, teatro, circo, dança e manifestações populares, se apresentaram ao longo dos três dias no palco Petrobras. Entre os artistas que passaram pelo Festival estão Canto do Acauã, Samba das Pretas, Zé Pinto, Antônio Gringo, Pedro Munhoz, Pereira da Viola, Najara Paiva, Neudo Oliveira, Bruna Ave Cantadeira,

Vitor Batista, Cesce Amorim, além do tambor de crioula, o grupo de teatro Raízes Nordestinas e uma apresentação de circo voltada para a Ciranda Camponesa do MPA Mirim.

"Para nós, construir um festival como esse vai muito além de organizar apresentações culturais. É afirmar que a cultura camponesa existe, resiste e continua produzindo sentido, identidade e organização popular. A música, o teatro, a poesia, a dança e todas as expressões do nosso povo não surgem como entretenimento vazio, mas como fruto da luta, da memória e da vida coletiva no campo", aponta Jean Marx, integrante do Coletivo de Cultura do MPA e responsável pelo festival.

Foto: Kennedy Cruz/BdF-DF

Ciranda projeta nas crianças o futuro do campesinato

Espaço pedagógico no 4º Encontro Nacional em Brasília trabalha identidade camponesa com brincadeiras e oficinas

► Enquanto os adultos debatem os rumos da agricultura familiar, outro território de resistência ganha forma no pátio da Universidade de Brasília (UnB): é a Ciranda Camponesa do MPA Mirim. O espaço no festival do 4º Encontro Nacional do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) transforma a infância em semente de luta com olhar no futuro.

Vivian Catenacci, militante do MPA de São Paulo e integrante do coletivo de Educação Camponesa, explica que, no primeiro momento, a Ciranda surgiu para garantir a participação das mulheres nos espaços de decisão política.

Ao longo do tempo, o espaço se tornou uma extensão do próprio movimento. As atividades traduzem temas como soberania alimentar, agroecologia, feminismo e sementes crioulas para a linguagem do brincar.



Tudo o que a gente faz aqui está relacionado com a nossa luta. As crianças vivem um espaço de reconhecimento da sua identidade camponesa e a intenção é fortalecer essa consciência desde a infância.

AUTONOMIA

No cotidiano da Ciranda, oficinas, rodas culturais e atividades ligadas ao cuidado com a terra. A baiana Maria Anaí, de 7 anos, conta que a cozinha é sua atividade preferida. *"Eu gosto de fazer comida, salada de fruta, um bocado de coisa. É legal jogar bola e brincar com os amigos aqui"*, relata.

A autonomia também aparece como aprendizado importante para os pequenos participantes. *"Estou aprendendo muita coisa legal, como ser mais independente"*, afirma Valentina de Almeida Rodrigues, de 9 anos, também da Bahia.

A relação com a terra e com as sementes crioulas marcou a pequena Clara Vitória, de 7 anos, do Rio Grande do Sul. *"Estou aprendendo a brincar e sobre as sementes crioulas. A gente aprende a plantar e a cuidar da terra, eu acho isso muito legal"*, diz.

PROTAGONISMO

A Ciranda também trabalha a escuta ativa e o protagonismo infantil. Elas participaram desde a construção do espaço, apontando o que

gostariam de encontrar nas atividades. O processo resultou na criação de espaços como a biblioteca, oficinas de marcenaria e audiovisual.

A memória política também atravessa as atividades da Ciranda. As crianças carregam o rosto do Frei Sérgio nas camisetas e participam de rodas de conversa, atividades culturais e momentos de mística sobre a trajetória do frei franciscano.

CIRANDA POPULAR

O MPA quer ampliar o trabalho com as infâncias como marco desses 30 anos. Segundo Kriscia Santos Argola, uma escola nacional de cirandeiros está prevista para fortalecer a formação dos educadores populares. *"É na infância que a formação da consciência inicia, então a gente precisa dar mais força a esse momento da vida"*, afirma.

Além das oficinas e atividades culturais, as crianças também participam de momentos internacionalistas ao lado de representantes de outros países e preparam uma carta-manifesto para ser apresentada no encerramento do encontro.

FALA POVO

O que você mais gostou de aprender na Ciranda Camponesa?



Participar deste encontro nacional dos pequenos agricultores significa uma aventura para mim. Estou gostando muito de aprender a construir coisas novas e de fazer amizades com crianças de outros lugares.

JOÃO PAULO CANDIDO NASCIMENTO (RO)



Tem vários trabalhos educativos e muita criatividade nas atividades. Aqui a gente aprende coisas sobre o campesinato e isso me ajuda a gostar mais de ser camponesa. Meu pai planta feijão, milho e outras coisas na roça. Eu gosto de comer frutas e alimentos sem veneno, porque são mais saudáveis.

BÁRBARA CECÍLIA RODRIGUES DOS SANTOS (SE)



Nos encontros do MPA eu aprendo sobre a conscientização do cuidado com as plantas e sobre não usar agrotóxicos. Isso ajuda na nossa alimentação e também em outras coisas da vida. Minha família trabalha com café e cacau, e estar aqui faz a gente pensar mais sobre isso.

LAERTE CASSARO FURTADO (ES)



Eu gosto de vir para a Ciranda porque a gente conhece crianças de vários lugares do Brasil e aprende várias coisas. Também conversamos sobre o que os camponeses de outros estados enfrentam e pensamos em como podemos ajudar uns aos outros.

ISABEL BUENO CATENACCI (SP)



Foto: Kennedy Cruz/BdF-DF